

CYBERFOLIA

O ESPAÇO VIRTUAL

E OS NOVOS MODOS DE PRESENÇA CARNAVALESCA

Ana Maria Alvarenga (UERJ)

Isabela Frade (UERJ)

Refletimos sobre novas formas das festividades carnavalescas tendo como foco os desfiles das escolas de samba virtuais e os modos de presença e interação no ciberespaço, observando a dinâmica cultural em que os recursos tecnológicos comunicacionais engendram novos padrões de comportamento no redimensionamento do espaço social.

ESPAÇOS RELACIONAIS, COMUNIDADES VIRTUAIS, CARNAVAL.

ALVARENGA, Ana Maria e FRADE, Isabela. Cyberfolia: o espaço virtual e os novos modos de presença carnavalesca. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p. 155-166, nov. 2011.

No calendário oficial estão registrados todos os feriados e todas as datas comemorativas relativas ao ano vigente, incluindo as festividades móveis como é o caso do carnaval. Em compasso de espera, o país aguarda, ano após ano, as datas da maior festividade pública para fazer eclodirem, em quatro dias, as formas mais exuberantes de cores, sons e movimentos. O carnaval é festa popular de liberação temporária dos contratos sociais e “abolição provisória de todas as relações hierárquicas” (BAKHTIN, 1987). Momento de suspensão da vida tal como se dá em seus aspectos rotineiros e sistematizados, deslocada em um espaço-tempo em que a expectativa é justamente a disposição para viver momentos de pura alegria e licenciosidade, constituindo-se num “não tempo social” descontínuo, momento de cada brasileiro se expor e ser experimentado pelo riso, pela comicidade e pelos encontros fortuitos, fatores que abolem as distâncias distintivas na comunicação entre os sujeitos.

Bakhtin aborda o caráter de carnavalização e sua evolução no tempo, que desde as festas saturnais se desenvolve em ritos cômicos. A festa popular carnavalesca envolve todos em seus complexos modos de alteração da vida ordinária.

Essa visão, oposta a toda a ideia de acabamento e perfeição, a toda pretensão de imutabilidade e eternidade, necessitava manifestar-se através de formas de expressão dinâmicas e mutáveis (proteicas), flutuantes e ativas (BAKHTIN, 1987, p. 9).

O carnaval, no entanto, tem sua dinâmica própria, força particular exercida em data precisa: é calculada para acontecer nas vésperas da Quaresma, antecipando o período de restrições e constrictões daquele período religioso. Entre o carnaval e as “festas carnavaalizadas”, espaços de transgressões e reversões, persiste essa condição da temporalidade regida pela antecipação de “um adeus à carne” um “*carne vale*” (FERREIRA, 2004).

A animação ocorre em destaque de certas imagens que se repetem, personagens carnavalescos que reaparecem e se reinventam, podendo-se entender esse fantasiar-se como um modo de estar mascarado, um modo de suspensão provisória, em que as pessoas se mantêm em estado de transformação. Muitos descortinam seus aspectos mais contidos, extrapolando formas de comportamento e de interação. A rua torna-se palco de intensa circulação, lugar da *performance* das degradações, das paródias, das permutas, dos extravasamentos e exageros, do grotesco, do risível e do lascivo.

Por isso todas as formas e símbolos das linguagens carnavalescas estão impregnadas do lirismo da alternância e da renovação, da consciência da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder. Ela caracteriza-se, principalmente, pela lógica original das coisas “ao avesso”, “ao contrário”, das permutações constantes do alto e do baixo (“a roda”), da face e do traseiro, e pelas diversas formas de paródias, travestis, degradações, profanações, coroamentos e destronamentos bufões (BAKHTIN, 1987, p. 9).

Segundo Ferreira (2004), entre as festas dionisíacas, luperciais e saturnais nascem os principais veios dessas festas que agitam o povo, criam uma dinâmica de animação e alegre desregramento – as festas carnavalescas –, mas que não devem ser confundidas com o carnaval, que se configura em seus traços de festa profana (des)regulada pelos

sentimentos cristãos de sacrifício, com seu calendário demarcado de forma precisa antes do início dos rituais de rememoração da morte de Cristo, que tem na Sexta-Feira da Paixão seu clímax. Destacam-se algumas cidades nessa forma de celebração.

O carnaval da cidade do Rio de Janeiro é o mais afamado, sendo apreciado e aplaudido mundialmente por seus tradicionais desfiles de escolas de samba. Suas evoluções preenchem a Passarela do Samba com luxo e exuberância, além de muita alegria e empolgação. Porém, à revelia do calendário oficial de 2011 e aos modos de nova forma de presença, outro carnaval se anuncia: um carnaval que acontece fora do tempo e do lugar previsto: em meados do ano, nos meses de julho e agosto, mas igualmente pretenso à festa, folia e diversão. Há, no entanto, neste último, uma distinção quanto ao espaço de realização e à forma de apresentação de seus desfiles. Nesse carnaval de meio do ano os desfiles das escolas de samba são virtuais, exibidos em formato “html”, via internet, e acontecem numa passarela virtual produzida em arte gráfica. A exuberância dessas “novas escolas” revela-se nos desenhos dos artistas que idealizam as fantasias e as alegorias e dos músicos que compõem o samba-enredo para a apresentação do desfile virtual. A festa, o riso e a comicidade estão demarcados nos encontros de seus organizadores para as discussões, as elaborações, as produções e as apresentações desse cibercarnaval.

A questão é entender como a dinâmica própria do desenvolvimento tecnológico remodela a sociedade, coincide com movimentos sociais ou os contradiz (...). Os sentidos das tecnologias se constroem conforme os modos pelos quais se institucionalizam e se socializam (CANCLINI, 1997, p. 308).

Nos deslocamos de nossa experiência comum do desfile de carnaval como espetáculo real e temporalmente localizado em fevereiro/março, período de intenso calor do final do verão quando “suor e cerveja” são cantados em alegria e excesso. Buscamos entender essa condição de existência fora do tempo e do espaço das escolas de samba virtuais. O que nos dispomos a pensar são as formas e o modo como se pode dar esse carnaval – que é, sendo virtual, folia “desencarnada”. Ela instiga uma revisão profunda do sentido que essa festividade apresenta para seus tradicionais agentes: reverte exatamente o vigor carnal dos encontros eróticos, exóticos, grotescos, cômicos ou simplesmente alegres que ocorrem na expressão de diversidade e desregramento dos modos e comportamentos na festividade carnaval. A “festa da carne”, espaço gozoso do desregramento, é vivida, como experiência, de modo recluso e solitário – cada um em casa em seu computador –, mas intensamente compartilhada (quando se acessa se dispõe ao contato e à brincadeira) nas ambiguidades que apresenta.

Precisamos notar, do carnaval só temos experiência televisiva, o que, de certa forma, pode ser considerada, por sua vez, também virtual, pois as imagens que conhecemos são produzidas tecnologicamente e com grande interferência de imagens computadorizadas. O processo de virtualização do carnaval é progressivo, e consideramos que a televisão tem importante papel no conflagrar personagens, vinhetas, traços e movimentos na tela que se somam às imagens registradas do desfile. A figura da Globeleza, por exemplo, pode ser comparada ao estado preliminar de um “ciborgue”. Além do que é

pessoa, identificada e reconhecida entre as mais belas morenas, também se sabe da modelagem digital do cenário em que performa.

Nesse exercício, buscamos transpor nossa experiência pessoal e subjetivamente comprometida através de um diálogo com um dos sujeitos participantes direta e profundamente envolvidos: entrevistamos e analisamos o depoimento de Ricardo Barbieri, antropólogo, pesquisador e membro organizador desse carnaval virtual. A partir dessa conversa, algumas questões são colocadas: os aspectos relativos à formação das comunidades de agenciamento; as *performances* executadas em novos modos de presença nos carnavais *on line*; a representação dos membros das escolas de samba por avatares, definidos de modo direto como “figuras gráficas que habitam o ciberespaço e cujas identidades os cibercarnautas podem emprestar para circular nos mundos virtuais” (SANTAELLA, 2003, p. 290); e o aspecto da carnavalização virtual. (Figura 1)

Partindo de sua origem, Barbieri nos revela o caráter lúdico na formação das escolas de samba virtuais. Segundo seu depoimento, tudo começou na internet como uma brincadeira na sala de bate-papo *mIRC*, em que amigos interessados em carnaval e samba propuseram a criação de um concurso de enredos virtuais. Vislumbrando a possibilidade de pessoas interessadas nessa participação, foi montada uma história e um organograma simulando um desfile de escolas de samba. A brincadeira vingou e resultou na realização de pequenos desfiles que eram julgados por suas produções iniciais. Num movimento crescente, as escolas passaram por mudanças estruturais, evoluindo as práticas para a realização dos desfiles. O aperfeiçoamento na dinâmica dos desfiles virtuais gerou progressivas mudanças na utilização dos recursos tecnológicos que continuamente necessitam ser expandidos para atender às sofisticações elaboradas em progressão.

Em 2002, esse grupo de amigos aficionados em samba e carnaval criou então a primeira comunidade virtual de escolas de samba, intitulada Liga Independente das Escolas de Samba Virtuais – Liesv, e em 2003 organizou seu primeiro desfile virtual. Com fantasias e alegorias desenhadas por artistas, um protótipo de carro de som de desfile e, em meio a muitas brincadeiras, as escolas de samba desfilaram na primeira passarela digital.



Figura 1: O erotismo está presente! o delicado traço do desenho não deixa de revelar a sensualidade das formas femininas destacadas pelas linhas sinuosas de labaredas em suas cores quentes

Fonte: Acervo dos desfiles das escolas de samba virtuais de Marcelo Alves Camões.



Figura 2: Página de abertura da Liga, que mesmo contemplando os modos de abertura já esperados nos sistemas de comunicação *on line*, com links e ícones facilmente reconhecíveis, desperta a qualidade festiva do desfile, apresentando forte impacto visual
 Fonte: <http://www.liesv.com.br/>.

Inicialmente a Liesv era composta por integrantes de todo o país, que tinham por interesse a discussão sobre o carnaval e o samba. Num processo evolutivo natural permeado por divergências de ordem organizacional, surge uma nova comunidade, chamada Virtuafofia, que desde então agrega membros do Rio de Janeiro, ficando a Liesv com maior concentração de paulistas. Os usuários dessas comunidades mantêm comunicação através de Messenger, programa de mensagens instantâneas, e contato quase diário em *chats* “onde rola muito samba, bate-papo, conversas sérias e conversas fiadas”. As discussões sobre o carnaval real e/ou virtual acontecem durante o ano todo (Figura 2).

Partindo da visão de Recuero, podemos considerar esses grupos criados comunidades virtuais calcadas em intensa interação e sem hierarquização dos laços sociais entre seus membros. Há demanda de investimento de tempo considerável para o desenvolvimento satisfatório das discussões em rede que vão garantir a coesão do grupo, o que revela, de forma significativa, o valor que esse grupo tem para cada um dos envolvidos. “Esses grupos podem ser construídos em torno de interesses comuns e emoções envolvidas, embora sem um território definido, pois acontecem no ciberespaço” (RECUERO, 2009, p. 152).

Pensando em topologias para as comunidades virtuais, o autor observa:

Um grupo de *weblogs* cujos atores interagem, mantem um certo sentimento de grupo gerado através das trocas sociais. Todos esses elementos apontam para um agrupamento que surge através da interação social mútua, baseados em pertencimento relacional, e nas trocas comunicativas. O que constitui e mantém o grupo são as interações, e não o “território”. É através delas que os laços são formados e adensados no interior da rede social (p.151).



Figura 3: A progressiva sofisticação tecnológica é marcada pela evolução dos blogs e sites das Ligas
 Fonte: <http://www.foliavirtual.blogspot.com>.

As duas comunidades, segundo Barbieri agenciadas inicialmente por jovens amadores, vão cedendo espaço aos carnavalescos profissionais que sofisticam as escolas, estimulando o aprimoramento em suas formas, incentivando os jovens a atingir um patamar de excelência e a seguir o nível da profissionalização (Figura 3).

As duas comunidades virtuais hoje circunscrevem cerca de 20 escolas de samba com desfiles marcados para três dias em dois finais de semana nos meses de julho e agosto. A apreciação e o julgamento das *performances* virtuais também se sofisticam a cada ano: são agora realizados por jurados específicos para cada uma das ligas e com organograma detalhado para suas apresentações.

Segundo Castells (1999, p. 444), as comunidades virtuais não diferem das “comunidades físicas”, umas e outras se constituem da mesma forma e se agrupam por questões afins: “os usuários da Internet ingressam em redes ou grupos *online* com base em interesses em comum, e valores, e já que têm interesses multidimensionais, também os terão suas afiliações *online*.” Ele afirma também que essas comunidades não são excludentes em suas formações; “comunidades virtuais não precisam opor-se às comunidades físicas: são formas diferentes de comunidade, com leis e dinâmicas específicas, que interagem com outras formas de comunidade” (idem).

Sobre isso Barbieri dá como exemplo o fato de ceder sua própria casa para a apuração dos votos das escolas, assim como para servir de base no acompanhamento dos desfiles. O que mostra que os encontros não são apenas virtuais, os grupos se encontram, estabelecem contatos diretos. Outro exemplo desse deslocamento para o real está no lançamento do CD dos sambas-enredo, quando os integrantes se reúnem fora do espaço virtual, numa festa de fortalecimento dos laços sociais e afetivos. Os atores que compõem essas comunidades têm seus fóruns de discussão *on line* mas também *off line*, se constituindo em ampliação do tamanho e dos poderes de interação social.

O acesso à internet pela intermediação do computador forjou novos padrões de relações sociais: grupos de interação criados a partir de laços sociais definem comunida-

des que se multiplicam em extensa rede virtual, com pontos de maior ou menor coesão. A comunicação mediada pelo computador configurou-se em território fértil à ampliação dos laços de interação social: com discussões públicas, com encontros e reencontros, com interesses comuns, envolvendo tempo e sentimento na manutenção das trocas.

As escolas de samba integrantes das ligas são formadas, geralmente, por um presidente, um puxador de samba e um carnavalesco. Qualquer pessoa pode participar dessa grande comunidade, dessa “grande família, uma verdadeira escola de vida, de camaradagem e de competição sadia, onde a arte carnavalesca é valorizada em todos os seus aspectos – principalmente, a alegria.”¹

1. www.liesv.com.br

Como participar? Todo ano as duas ligas promovem o chamado grupo de avaliação, um desfile virtual em menores dimensões. Os critérios de avaliação passam pelo traço do desenho, a capacidade de organização da escola, e o cumprimento de todas as etapas do regulamento. Qualquer pessoa pode montar uma escola para participar desse grupo de avaliação.

OS AVATARES DO SAMBA

Ainda sobre as escolas de samba virtuais, Barbieri acrescenta: “Tem escola que gosta de colocar carinhas das pessoas nos desenhos: de amigos, dos integrantes da escola, ou de pessoas com quem eles querem brincar.”

A imersão no espaço virtual acontece em níveis diferentes para o corpo plugado ao computador; o avatar é uma das formas imersivas representando um dos níveis de interação. Nesse modo de imersão, o internauta seleciona uma figura que o represente e o identifique no espaço virtual, sendo possível ao avatar encontrar e se comunicar com outros avatares.

quando o internauta incorpora um avatar, produz-se uma duplicação na sua identidade, uma hesitação entre presença e ausência, estar e não estar, ser e não ser, certeza e fingimento, aqui e lá (SANTAELLA, 2003, p. 203).

A imersão através de avatares se configura na possibilidade de movimentação pelo espaço virtual através de uma imagem de representação e identificação do sujeito/internauta nos espaços de interação e comunicação. A esse internauta é facultada a condição de estar presente mesmo que destituído de sua corporeidade. O corpo expandido na forma de um avatar pode mover-se em ambientes virtuais bi ou tridimensionais, pode encontrar outros avatares e com eles se comunicar.

Avatares são como nômades, não mais percorrendo territórios por linhas de errância ou de migração dentro de extensões determinadas, mas sim movendo-se por uma “paisagem informacional global, pautada pela interconexão de redes e sistemas *on* e *off line*” (PRADO, apud BENTES, 2005). Os avatares carregam bagagens e histórias, são solitários, mas também comunitários, não se fixam em fronteiras e constroem redes imateriais em escala local e global. São incorporações dos corpos plugados, personagens de encontros dentro dos mundos virtuais interativos (figuras 4 e 5).



Figura 4: As formas do desfile adquirem modos próprios: estéticas derivadas dos espelhamentos e replicações são frequentes, consequência direta dos modos de produção das imagens pelos programas de computação; a imagem estática contempla, em todo o quadro, uma inteira ala; a animação do desfile, desse modo, fica por conta da cena musicada; podemos dizer que a imagem é a parte atratora, seduzindo pela fixação, e a música, animadora, fonte da sequencialidade e da ritmicidade do desfile

Fonte: Acervo dos desfiles das escolas de samba virtuais de Marcelo Alves Camões.

Podemos considerar que algumas escolas de samba virtuais utilizam avatares como forma de incrementar o jogo lúdico entre seus membros no espaço imersivo em que acontecem os desfiles. Os avatares possibilitam a configuração de uma presença a distância, viabilizando a participação no próprio desfile. Segundo Barbieri, as identificações por imagens provocam naqueles que são representados a sensação de estar na passarela digital, quiçá com a mesma empolgação daqueles que desfilam na passarela real. Avatar – um corpo presente e ausente, um corpo virtualizado que existe no abandono de sua presença sem contudo se furtrar à complexidade das paixões, dos conflitos, dos projetos e das amizades moventes entre os agentes envolvidos.

A CARNAVALIZAÇÃO NA ERA DIGITAL

A sociedade humana está entrando num novo tempo, que Levy (1993, p. 17) descreve como “uma destas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados”. Um tempo de reinvenção da humanidade que a partir da informática vem mudando maneiras de atuar, de pensar, de saber e de conceber o conhecimento. Um tempo de novas formações socioculturais em que o sujeito, em sua interação com a tela do computador, “se torna um produtor, criador, compositor, montador, apresentador e difusor de seus próprios produtos” (SANTAELLA, 2003, p. 82).

Sendo o espaço da cultura um espaço de interação incessante entre a tradição e a mudança, entre a persistência e a renovação, podemos considerá-lo permanente cam-



Figura 5: As tradicionais presenças do mestre-sala e da porta-bandeira são destacadas pelo tamanho de suas formas. Não há evolução no sentido de movimentação, mas há a interação entre as duas figuras, ressaltando a composição do duplo, do par
Fonte: Acervo dos desfiles das escolas de samba virtuais de Marcelo Alves Camões.

po de batalha em que forças complexas de dominação são negociadas, conquistadas ou perdidas. Nesse campo, em modo *continuum* de cruzamento e retrocruzamento, são definidas as vias de acesso e modos de operação dos sistemas simbólicos produzidos pelo homem. A cultura, sendo um sistema de símbolos em trama complexa de signos e significados, compõe vasto campo de textos e práticas de representação ideológicas, delimitando poderes e contrapoderes em tempos e espaços determinados.

Na pós-modernidade, em que a cultura midiática faz circular de forma mais fluida e mais complexa as diversas formas culturais, se evidenciam a ampliação e a expansão de novos hábitos criados a partir do consumo de cultura numa confluência de identidades. Castells (1992, p. 43) afirma que “o dilema do determinismo tecnológico é, provavelmente, um problema infundado, dado que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas”.

Toda a vivência *on line* se dá pela mediação de uma interface que garante sua configuração. O corpo/sujeito/plugado ao computador age sobre o desfile através do *mouse*, fazendo mover os integrantes dispostos em alas no desenvolvimento em quadros do enredo, acompanhado pelo som do samba ao fundo. Trata-se de prática de agenciamento solitário, do sujeito que faz acontecer um desfile de escola de samba em rolamento na tela de um computador (Figura 6).

Figura 6: O esplendor é apreciado como êxtase carnavalesco no brilho que deflagra essa aura de encantamento e fulgor. O delírio no carnaval perpassa pela exacerbação, na sutil ultrapassagem da distância na percepção: a imagem captura o espectador
Fonte: Acervo dos desfiles das escolas de samba virtuais de Marcelo Alves Camões.



Aqui interessa especialmente observar alguns aspectos dos desfiles das escolas de samba virtuais em correspondência com os desfiles das escolas de samba oficiais que caracterizam o nosso carnaval. No roldão das novas tecnologias digitais já incorporadas ao cotidiano na forma de comunicação e interação, diminuindo distâncias e aproximando culturas, um novo sujeito sociocultural se apresenta, criando novos símbolos de representação da realidade. Artefatos, objetos, motivações, ações e falas ganham novos significados dentro desse espaço cultural permeado, negociado e confrontado com as novas tecnologias digitais.

Assim, pode-se observar que as escolas de samba virtuais reinventam os desfiles das escolas de samba oficiais com narrativa ancorada em práticas culturais do carnaval como o tempo do riso, da festa e da brincadeira. Especialmente faz-se notar pelas imagens seu teor erótico.

O carnaval ignora toda distinção entre atores e espectadores. Também ignora o palco, mesmo na sua forma embrionária (...) Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o vivem, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para todo o povo. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida senão a do carnaval. Impossível escapar a ela, pois o carnaval não tem nenhuma fronteira espacial. Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com suas leis, isto é, as leis da liberdade (BAKHTIN, 1987, p. 6).

Na apropriação do samba, do enredo, do conjunto em desfile, das alegorias e adereços e nos desenhos das fantasias, sucedem-se reverberações do contexto do carnaval oficial. As escolas de samba virtuais desfilam em passarelas gráficas (intituladas “Passarela João Jorge Trinta” – Liesv e “Passarela Virtual Sérgio Porteleandro” – Virtuafolia) e, nessa menção a um “universo dos desfiles”, se apresentando como seu mais novo modo de realização.



Figura 7: No último desfile, observamos a gradual conquista da movimentação das figuras; ainda com poucos recursos, partes do corpo das figuras ou elementos do cenário se alternam; consideramos, ainda assim, a animação recurso obtido exclusivamente pelo samba-enredo, situação que, aferimos, tenderá a se alterar nos próximos anos
Fonte: Acervo dos desfiles das escolas de samba virtuais de Marcelo Alves Camões.

Esse espaço de ressignificação do carnaval a partir do formato como o que se apresenta na concepção virtual pode ser considerado espaço de carnavalização uma vez que se coloca como aquele que subverte o estabelecido. Segundo Barbieri, a prática do carnaval virtual encarna um espírito mais “brincalhão”, não obstante ser esse também o espírito do carnaval real. Em se tratando do virtual, porém, o riso, a galhofa e a liberdade com que as escolas de samba criticam e debocham do que consideram ridículo nas escolas de samba oficiais denotam mais uma vez um processo de carnavalização do carnaval oficial. A paródia às escolas de samba oficiais é o espaço transgressor do instituído que molda as escolas oficiais na realização de desfiles-padrão em que se busca, a “qualquer preço”, o título de “o melhor do carnaval”.

O carnaval do meio do ano se configura em espaço de deslocamento de signos e significados do carnaval oficial para espaços virtuais de interação em que a festa, o riso, a brincadeira e a comicidade estão impregnados de irreverência e criticidade aos padrões do carnaval oficial. É o trânsito para o virtual compondo, a seu modo, em seus sistemas próprios de linguagem, o carnaval na forma e na prática dos desfiles das escolas de samba.

Como comentário sobre o deslocamento da prática simbólica dos desfiles das escolas de samba oficiais, Barbieri acrescenta: “A competição também existe nos desfiles virtuais, porém com uma diferença: no virtual, o legal é ganhar se divertindo, e isso tem outro significado, se comparado às escolas reais. No real se pretende ganhar a qualquer custo.”

De acordo com Balandier (1997, p. 93), a tradição tem dois polos: um de conservação, de memorização, e outro, ativo, que lhe permite viver o que já se realizou.

A palavra, o símbolo, o rito a mantém sob esse duplo enfoque. É por meio deles que a tradição se insere em uma história onde o passado se prolonga no presente, onde o presente chama o passado (...) Quer exprimir na permanência a verdade (...).

Desse modo, revive-se aqui, ainda que parcialmente, no adequar-se a uma nova realidade, a “natureza” ou a “verdade” do carnaval: a alegria em estado de liberdade, a euforia e a sensualidade desregrada que podem ser vividas de uma nova forma, trazendo o reconhecimento da paixão nacional em sua adesão pelos cibernautas.

Na alegria do grito de “Venha sambar com a gente!” o carnaval apresenta mais um modo dessa loucura coletiva que, segundo Maria Laura Cavalcanti (2005), marca essa festa. Sua forma virtual reflete sua natureza paradoxal não apenas na relação entre regras e subversão, mas também nas formas de presença e não presença, entre estar junto e separado e entre movimento e inércia. Demarca assim a história nesse episódio de entrada em novos modos de se viver o carnaval: prefigura uma nova etapa, inaugura uma presença alterada, abre um novo tempo no carnaval brasileiro. Momento de nos perguntarmos, então, se a ciberfolia remeteria às origens pagãs desse processo, estando mais livre, diluída e mais carnavalizada. Teríamos, desse modo, outro carnaval, no diálogo com o próprio carnaval, revertendo-o e reintegrando-o no movimento mais geral da carnavalesação, nos moldes do que pensava Bakhtin (Figura 7).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALANDIER, Georges. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CAVALCANTI, I. L. “Prefácio” in FERREIRA, F. *Inventando carnavais*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: 2005.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*, v.1– *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1992;
- FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- LEVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.
- STOREY, John. *Cultural theory and popular culture: an introduction*. Essex: Pearson Educational Limited, 2009.
- SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Ed. Paulus, 2003.
- RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

Ana Maria Alvarenga é docente no Núcleo de Arte Copacabana SME/RJ, integrante da equipe Observatório de Comunicação Estética OCE/CNPq e mestranda no PPGARTES/UERJ.

Isabela Frade é doutora em Comunicação pela USP, docente no PPGARTES/UERJ e procientista Faperj; lidera a equipe do Observatório de Comunicação Estética GP/CNPq e coordena o projeto extensionista Ceramicaviva e o coletivo de arte O Círculo.